

**ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DA ACADÊMICA LUCINDA
NOGUEIRA PERSONA, PELO PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE
DE LETRAS, EDUARDO MAHON**



A poesia é uma arte maravilhosamente insidiosa. Vai penetrando pelas frestas e soleiras das portas. Nas casas que não se abrem à poesia, sempre há poeira acumulada nos beirais. Ao contrário: quando arejamos nossa vida com versos, o vento circula pelos alpendres e limpa os corações da sujeira quotidiana do desamor. A assunção de Lucinda Persona à cadeira 04 da Academia Mato-Grossense de Letras é uma lufada de frescor na Casa Barão de Melgaço que a recebe de portas e janelas abertas, apanhando um pouco de todos os ventos que sopram pela cultura.

Estar fechado é resistir ao vento e, quando é assim, uma casa pode desabar. A cultura também se comporta como uma grande edificação: importa não resistir e sim incorporar tudo e todos, tragando para dentro, deixando o vento passar e trazer o futuro. A Academia Mato-Grossense de Letras é a nonagenária mais lúcida, vívida e lúdica do Estado, porque não quer se fechar em si mesma. A nossa rosa dos ventos aponta em todas as direções, desde o sopro inicial parnasiano e cívico de D. Aquino Correa até o contemporâneo de Lucinda Persona, ambos dividindo eternamente a mesma cadeira 04 desta Casa de Letras. Não acolhemos e nem acolheremos nichos culturais ou representativos porque acreditamos ser o talento intelectual o suficiente para distinguir os que tomam acento na bancada acadêmica. Portanto, ninguém aqui é representante de nada a não ser da própria obra, mérito que basta para o destaque nas letras.

A produção intimista da poeta Persona acaricia delicadamente o rosto retorcido do cerrado. Não é do caráter dela o desafio, mas o excesso de talento desconcerta por mera comparação. Tê-la conosco é um desafio que nos impulsiona produzir mais e melhor. A reflexão profunda da investigação da alma que ela nos propõe cria poesias para degustar aos poucos, com calma. Vejamos um trecho: *Episodicamente/a vida aparece./ Isto não quer dizer/que nos intervalos/ela não exista./O que há de notável/(ou mais do que isto)/é que a vida se manifesta/nas coisas que mortas pensamos:/no seio do amarelo/e algum conflito/no luto das sementes/que retornarão aos ramos.*

Lucinda Persona tem uma relação própria com o tempo. Na rica obra literária, além do corriqueiro, do quotidiano, do aparentemente simples, ela se debruça sobre o efêmero e o eterno. Mais uma razão para refletir sobre o significado do ser e estar e, muito adiante, do ser e não-estar numa instituição que propõe a memória perpétua da produção intelectual. Por enquanto, sintamos a dúvida da poeta que nem supunha o ingresso nesta Academia de Letras: *sinto o deslizar do tempo/pesado, soturno e lento/pelos meus ramos perpétuos./tenho as minhas raízes imersas/e as minhas seivas esparsas/em terras de eternidade/(e este oculto ordenamento/de fato – pétreo mistérios?.../ porque a flor, em mim, não medra?/misturei-me em terra estéril?*

Agora se vê que não. A poeta misturou-se na terra fértil que aguardava o despetar da semente. O futuro medrou intenso. E floresceu para sempre. Lucinda Persona

está madura para a Academia Mato-Grossense de Letras e estamos nós maduros para esse vento novo. Que por aqui vente cada vez mais forte; que nos desacomode dos cantos; que brinque conosco em rodamosinhos; que nos desarrume os cabelos e as ideias. Traga consigo tudo o que há lá fora e pouse aqui uma poesia madura e leve. Prestemos atenção nessa brisa. O prazer está em deixa-la livre. Daqui a pouco, já sai voando de novo. Mas volta. Por imenso gosto, senhoras e senhores, teremos eternamente esse vento chamado Lucinda Persona.